

## **O Teatro da Crueldade e a Possessão do Verbo pelo Ator-Xamã**

***Maria Cristina Brito***

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Palavras-Chave: ator- xamã / Teatro da Crueldade/ possessão/ palavra/ mito

### **Antonin Artaud e a possessão do verbo pelo ator-xamã**

Antonin Artaud em sua poética teatral *O Teatro e seu Duplo* reconhece uma identidade de essência entre o teatro e a alquimia: para ele ambos são artes virtuais que carregam em si a sua finalidade e a sua realidade. Nessa perspectiva, o pensamento de Artaud considera a alquimia e o teatro como o duplo de uma outra realidade que tem uma natureza espiritual. Essa realidade espiritual se traduz em uma linguagem simbólica e tem a característica de ser virtual. E nessa virtualidade de existência a realidade se constrói ilusória como uma miragem: “Todos os verdadeiros alquimistas sabem que o símbolo alquímico é uma miragem assim como o teatro é uma miragem.”( ARTAUD, 1993: 44)

Com estas palavras, Artaud nos remete à identidade que existe entre tudo que constitui a realidade virtual do teatro e a realidade supostamente ilusória sobre a qual evoluem os símbolos da alquimia. Esse pensamento nos parece importante na medida em que Artaud reconhece na virtualidade do teatro a sua natureza mágica e alquímica. E nessa alquimia o teatro busca na virtualidade da sua realidade promover a realidade do encontro do ator com o espectador.

Neste encontro, cuja natureza é simultaneamente real e virtual, o ator se aproxima do espectador através da construção de um universo visível e invisível. O visível é tudo que se constrói objetivamente no espaço. O invisível é a sua magia. A manifestação do invisível no espaço atuaria da mesma maneira em que no plano ilusório evoluem, segundo Artaud, os símbolos da alquimia. Neste espaço do invisível se tece o caráter mágico do teatro que tem na crueldade o seu poder de agir sobre o outro. É nessa magia que repousa também o seu caráter terapêutico: “O teatro, como a peste, é uma crise que se resolve pela morte ou pela cura.” (ARTAUD, 1993: 26) Artaud acrescenta que, como a peste, o teatro reconduz o espírito à origem dos seus conflitos. O caráter terapêutico ou empestado do teatro é conduzido assim pelo ator, que age como um xamã ao se relacionar com o espectador na cerimônia do teatro..

Isso porque é no espaço empestado do invisível que se dá o encontro entre o espectador, que sofrerá a ação da crueldade inerente ao teatro e o ator que, como um xamã (ou curandeiro), tece a natureza mágica da cerimônia através da qual se desencadeia o poder de cura do teatro. Como um xamã, o ator instaura a cerimônia do invisível modelando o espaço em palavra e gesto. A relação entre a palavra e o gesto, o movimento e o som, é, simultaneamente, real e simbólica. Nesse universo de virtualidade e símbolo, o gesto

atua em interação íntima e cúmplice como uma coreografia visível do invisível da palavra. A palavra então se modela em forma cujo sentido apresenta uma oralidade que pode ser lida nessa escritura do gesto no espaço. A palavra busca nesse instante no universo do invisível, tornar possível a virtualidade do impossível.

Para desenvolver a sua coreografia da palavra no espaço é necessário que o ator escute com muito cuidado o que a palavra tem a dizer, o que ela quer dizer. Diante da vontade da palavra a vontade do ator atua transformando significados em formas. O ator escuta a palavra, dialoga com ela, mergulhando nas suas possibilidades de significação.

Mas para que isso aconteça é necessário um ato de entrega, de sacrifício ritual do ator com o verbo em busca de suas possibilidades significativas. Para isso é necessário possuir a palavra. Possuir a palavra é aceitar ser possuído por ela. Nesse sentido, atuar é praticar um ato de amor com a palavra. Atuar é escrever a palavra em gestos, sons e afetos no espaço, penetrando profundamente em sua intimidade mais recôndita. O ator entra na palavra possuindo-a e deixando-se possuir por ela. Atuar é um ato de possessão. Nessa possessão, nesse transe do absoluto, o ator é o xamã da cerimônia do teatro. Segundo a crença, ao cair em estado de transe, o xamã fica possuído por espíritos que falam e agem através dele. No teatro o espírito que fala através do ator é a palavra.

Ao atuar como um xamã o ator é possuído pelas possibilidades da palavra, pelo seu conjunto de significações e sugestões semânticas e sensoriais enquanto busca escrever no espaço um texto dramaturgico. A dramaturgia do espaço, a encenação, ou o próprio teatro procura traduzir o universo da palavra no espaço da cena. Isso implica em fazer do espaço um discurso onde os signos que o compõem podem ser lidos como um texto. A encenação é uma escritura que se escreve pelo domínio afetivo do mistério da palavra. O ator como um sacerdote, como um xamã, revela com a sua consciência e sensibilidade aquilo que a palavra pode sugerir de significação e encantamento. Nesse processo o ator é sujeito do verbo. Ser sujeito do verbo implica em ser da palavra o seu duplo, revelando suas possibilidades em formas, sons e afetos que a escrevem no espaço. Nessa escritura o ator, no espaço sagrado do invisível tornado visível, redescobre do verbo o absoluto.

Essa descoberta do absoluto do verbo é um exercício contínuo de atletismo afetivo que o ator pratica como um ato de possessão e que traduz uma profunda relação de intersubjetividade. A palavra em estado de possessão é um duplo invisível

do ator e o ator em posseção é o xamã, o duplo visível do invisível da palavra. A palavra ressuscitada nessa relação de duplo revela os seus ecos afetivos na alma do ator, afirmando a sua identidade como atleta do coração e a essência do teatro como duplo da vida.

Esse duplo, esse lugar do verbo que dialoga com o ator e com o seu universo afetivo, é manifestação do invisível da palavra que o ator, como um xamã do verbo busca magicamente encontrar. Nesse encontro a palavra simultaneamente se revela e se esconde. É nesse jogo de duplo de profunda experiência de subjetividade que o ator xamã se manifesta. É nesse momento ritual e mágico da palavra, em que ela simultaneamente se diz e silencia, que o espectador encontra no ator o seu duplo. A realidade desse momento é resultado de um contínuo exercício de atletismo afetivo. Encontrar a essência da palavra é um exercício de atletismo afetivo que busca discriminar no verbo o duplo.

Uma das maneiras de o ator se exercitar como um atleta afetivo se dá através do contato com seu duplo revelado na palavra em sua densidade mítica. Nesse encontro o ator que abriga forças primordiais que precisam ser expressas em afetos e símbolos, enfim, em linguagem, percorre a consciência metafísica do homem através dos mitos. Fazendo nos textos uma leitura mítica, o ator exercita cognitivamente e afetivamente “o equivalente natural e mágico dos dogmas” que Artaud nos aponta como essencial à natureza do teatro.

O conhecimento íntimo desse duplo, encontrado no universo do mito como uma manifestação de uma experiência da subjetividade, é um exercício de atletismo afetivo que dá ao ator a desenvoltura mágica de lidar com signos na busca de sua expressividade simbólica e sensível. O ator constrói nesse sentido o espaço do mito do duplo onde o invisível se torna visível. Nesse espaço singular se dá o encontro do homem, espectador, com o homem, ator, no universo de arquétipos que, vivenciados em afetos, em forças primordiais, se revelam em possibilidades de sentidos, de significados, de sensações que têm uma natureza universal. É assim que o ator e o espectador se aproximam na escritura da cena revelando-se um ao outro no encontro do homem consigo mesmo.

O mito, como um duplo das possibilidades afetivas do ator, vai se desdobrando em experiências distintas, conduzindo o ator, pelo discurso e pela ação, a caminhar pelo duplo de si mesmo. O discurso cênico do qual o ator é o autor se escreve como um processo de atletismo afetivo. O atletismo afetivo do ator o conduz à busca de sua identidade xamânica onde a consciência metafísica do homem se expressa e se revela no espaço da vida e da cena como uma realização do mito do duplo.

Nesse processo revela-se cerimonialmente o misterioso mundo invisível do verbo que o ator escreve como um poeta em versos livres no espaço. O teatro é a poesia do ator no espaço. Poesia que é revelação. É nessa revelação que a palavra se encontra em ato de posseção. O ator entre verbos e afetos conduz os signos para um mundo onde tudo no princípio e no espaço é o

verbo. E o verbo no teatro é no ator . E o verbo é o ator. E o teatro, na cerimônia da posseção do verbo pelo ator- xamã, é, como afirma Artaud, o duplo da vida.

Bibliografia:

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. São Paulo: Martins Fontes. 1993

BROOK, Peter. *A Porta Aberta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1999.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.